

O Mundo Maravilhoso de Lobato

Hygia Therezinha Calmon Ferreira*

RESUMO

Dando continuidade às pesquisas por nós realizadas sobre a obra de Monteiro Lobato, procuramos, neste trabalho, detectar os processos por ele utilizados na descrição do maravilhoso, ou melhor, do transreal.

O mundo lobatiano não se restringe a um espaço geograficamente demarcado, como é o SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO. Transcendendo esse espaço, o autor transfigurou-o de tal maneira que real e mágico se imbricam e se confundem; o maravilhoso se impõe, tornando-se um elemento de grande força em suas obras de literatura infantil. Por essa razão, detectar os processos utilizados por Monteiro Lobato para descrever o maravilhoso constituiu o principal objetivo deste trabalho. Para tanto, escolhemos *A Reforma da Natureza*, *História de Tia Nastácia*, *Memórias da Emilia* e *Emilia no País da Gramática*, em edições publicadas nas décadas de 40 e 60.

Nessas três obras, chamou-nos a atenção o fato de que o "comer" transforma-se num processo mágico, na medida em que se transfigura tanto do ponto de vista do fantástico, enquanto passagem do real para o maravilhoso, quanto do ponto de vista simbólico — interiorização do conhecimento —, onde a leitura serve de alimento para o espírito. Esse fato remeteu-nos a um clássico da literatura mundial, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, onde, embora em situações diferentes das criadas por Lobato, o "come" também se constitui num processo mágico. Para a fundamentação teórica, recorremos a Tzvetan Todorov (*As Estruturas Narrativas*); na tentativa de buscar uma definição para as narrativas de Lobato, o capítulo "A Narrativa Fantástica" serviu-nos como ponto de partida.

Dadas essas explicações iniciais, tomemos o tema do trabalho, começando por caracterizar o maravilhoso em Lobato que, para nós, não se enquadra rigidamente nas subcategorias propostas por Todorov para a narrativa fantástica: o "estranho puro", o "fantástico-estranho", o "fantástico-maravilhoso" e o "maravilhoso puro". Para nós, em Monteiro Lobato a linha mediana que separa o real do mágico está mais para o maravilhoso do que para o fantástico, e aqui lembramos novamente Todorov:

* Professora da UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo.

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos contados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. (Op. Cit., p. 160).

Assim, talvez a denominação *transreal* servisse melhor ao sentido do maravilhoso que queremos mostrar neste trabalho. Isto viria explicar como, nesse mundo de maravilhas lobatiano, coexistem um País da Fábula — também chamado de Terra dos Animais e Falantes — e a Terra das Mil e Uma Noites, a Terra do Nunca e o Reino das Águas Claras, a Via Láctea e o País da Gramática, o País dos Vocábulos e o País do Cinema, todos eles em perfeita sintonia com o Sítio, o verdadeiro País do Faz-de-Conta. Justificar-se-ia também a passagem por lá de outros escritores que se dedicaram à literatura infantil e juvenil — por exemplo, os Irmãos Grimm, Andersen, Defoe, Carroll e tantos outros —, em pessoa ou representados por suas personagens. Da mesma maneira, o insólito das presenças de Barba Azul e D. Quixote, do Curupira e da Iara, de deuses da mitologia greco-romana, de Cinderela e Branca de Neve, do Pequeno Polegar e Capinha Vermelha, do alfaiate que matava sete de um golpe, do soldadinho de chumbo, do Patinho Feio, de Xerazade, do Pescador e do Gênio, do Cavalo Encantado, de príncipes e princesas, de Walt Disney e Shakespeare, de Shirley Temple e Carole Lombard, de heróis brasileiros, de um anjinho trazido do céu. Cruzar personagens do mundo real com seres irreais constitui uma característica do maravilhoso em Lobato.

Enquanto a nível de personagens tudo é possível, a nível de situações — e aqui referimos a uma especial, isto é, transformação do objeto “livro” em algo comestível —, também pode-se concluir a mesma coisa. Aliás, a idéia de reformar o Sítio é que serve de pretexto para Lobato realizar a passagem do real para o transreal, configurando assim uma segunda forma de adentrar o maravilhoso. Veja-se o seguinte trecho de *A Reforma da Natureza*:

Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, (...) os livros impressos em papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos — uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas: lê uma, rasga-se e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado. (P. 47-48).

Para Emília, da mesma forma que para outras personagens lobatianas, passar do mundo real para o mágico constitui-se num jogo que se monta no ato de ler e ouvir/contar histórias, jogo esse que tem como objetivos principais ativar a imaginação da criança e possibilitar a concretização dos seus sonhos e desejos. É o que se depreende dessa e de outras personagens, como por exemplo, quando Narizinho pergunta a Emília: “Tem medo de que eu coma a sua literatura?”, referindo-se ao livro de Memória da boneca (*Memórias da Emília*, p. 131), ou quando se levanta a hipótese de o Quindim ter comido a “Gramática Histórica” de Eduardo Carlos

Pereira (*Emília no País da Gramática*, p. 39), em que a simples idéia de “comer” transforma o livro num objeto mágico. Veja-se, a esse respeito, o seguinte silogismo inventado por Emília:

Dona Benta vive dizendo que os livros são o pão do espírito. Ora, gramática é livro: logo é pão: logo é alimento. (Idem, ib.)

A idéia de “comer” significa, então, transportar-se do mundo real para o mundo da fantasia, e é desenvolvida mais demoradamente n’*A Reforma da Natureza*, já aqui aliada a uma preocupação valorativa, como se observa na fala de Dona Benta:

Nem todos devem ser comestíveis, mas só os de importância secundária, meramente recreativos ou então livros ruins. Um livro que não presta para ser comido. E agora? Como vou passar sem a minha *Iliada* e o seu Shakespeare... (p. 63-64).

fato que levou Emília a “descomestibilizar” quase todos os livros que comera, menos os “ruins”.

Isso nos remete a algumas passagens de *Alice no País das Maravilhas* de Carroll — terceiro processo do maravilhoso, quando reaproveita processos alheios — em que a personagem central, nas diversas tentativas de “encontrar o caminho daquele maravilhoso jardim” (p. 62), ora aumenta, ora diminui de tamanho, graças à magia de alguns objetos: um leque, uma garrafa com o rótulo “BEBA-ME”, outra garrafa, um cogumelo, um poço de melado, pimenta — que torna as pessoas rabugentas, como é o caso da Duquesa — fazendo com que, lá pelas tantas, ela conclua assim:

Sempre que bebo ou como neste país estranho acontece alguma coisa interessante (Idem, p. 45).
.....)

Oh, meu Deus, ia me esquecendo de que preciso descobrir um meio de crescer. Que hei de fazer? Creio que devo comer ou beber alguma coisa. Mas o quê? Esse é o grande problema! (Idem, p. 52).

Como se vê, também para Lewis Carroll o significado simbólico do objeto mágico — crescer significa aprender, conhecer — se liga a uma outra visão da realidade que se quer reativar na criança. Por isso, quando Alice se lamenta:

Ah, para que fui entrar naquela toca? Aqui nunca sei o que vai acontecer! Não acreditava em histórias de fadas, mas agora vejo que são verdadeiras. Puxa, essas coisas que estão acontecendo comigo dariam um livro maravilhoso. (Idem, p. 47).

o que se observa é que o livro infantil é um dos caminhos que levam à fantasia. Era assim que pensava o leitor das obras de Carroll, era assim que pensava o leitor das obras de Lobato, segundo alguns depoimentos que são do conhecimento de todos os que se dedicam à literatura infantil e juvenil.

Por outro lado, em *História de Tia Nastácia*, pela boca da personagem Emília ouvia-se a seguinte afirmação.

Eu gosto de fantasia, mas de fantasia com pé e cabeça (...) Tudo que não tem pé nem cabeça, me parece errado. (p. 155).

Aqui o que se percebe é uma preocupação do autor em mostrar que a fantasia pode e deve ser manipulada, o que explicaria um outro processo do maravilhoso, complementação do anterior — o livro é alimento —, que é o livro como local de moradia e refúgio dos leitores, extensão do mundo real de que participa enquanto ser social. Vem a propósito o desabafo de Monteiro Lobato, em depoimento datado de 1926 e registrado por Flávio Monteiro da Costa (*Os Subúrbios da Criação*):

(. .) para crianças, um livro é todo um mundo. Ainda acabo fazendo livro onde nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora: sim, morar, como morei no *Robinson* e nos *Filhos do Capitão Grant*. (p. 98).

Aliás, foram as preocupações de Monteiro Lobato com a criação de histórias para crianças que determinaram a sua busca de processos que levassem ao maravilhoso, processos esses que hoje, como ontem, transfiguram e colorem o mundo com fantasia e sonhos tão necessários à vida de cada um de nós.

RESUMEN

Dando continuidad a las investigaciones que realizamos sobre la obra de Monteiro Lobato, buscamos en este trabajo detectar los procesos utilizados por él en la descripción de lo maravilloso, mejor dicho, de lo transreal.

BIBLIOGRAFIA Obras de Monteiro Lobato

Emilia no País da Gramática. 6^a edição. São Paulo, Brasiliense, 1947.

Histórias de Tia Nastácia. 1^a edição. São Paulo, Brasiliense, 1960.

Memórias da Emilia. 4^a edição. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1945.

A Reforma da Natureza. 4^a edição. São Paulo, Brasiliense, 1944.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU RIBEIRO, Cleone A. C. L. de. "A Ambigüidade do Fantástico em Literatura" *In Revista de Letras* 23: 71-78, 1983.

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. Lúcia Benedetti.

- Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1958.
- COSTA, Flávio Moreira da. *Os Subúrbios da Criação*. São Paulo, Polis, 1979.
- DANTAS, Macedo. "Monteiro Lobato". In: *Suplemento Literário*. "O Estado de São Paulo", ano XVII, 1/7/1973.
- RUAS, Luci, "O Real e o Mágico em Monteiro Lobato". In *Boletim Informativo FNLIJ*. Vol. 14, nº 61, outubro/dezembro de 1982.
- SANDRONI, Laura Constância. "Monteiro Lobato e a Literatura Infantil Contemporânea". In: *Stylos* nº 71. IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto, 1982.
- SANTAYANA, Mauro. "Um domador dos deuses". In: *Folhetim*. "Folha de São Paulo", 18/4/1982.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- ZILBERMAN, Regina. "Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor". In: *Stylos* nº 74, IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto, 1982.